

## Dostoiévski em “Memórias do Subsolo”: século XIX, Revolução Russa e o Realismo literário Russo pela luz do Realismo Clássico e a Virada Estética

Dostoevsky in “Notes from the Underground”: 19th century, Russian Revolution and Russian literary Realism in the light of Classical Realism and the Aesthetic Turn

Lívia Prado Sadoyama<sup>1</sup>  
Mariana Marques Fagundes<sup>2</sup>  
David Gabriel Dias Silva<sup>3</sup>  
Luis Emanuel Teixeira Alves Santos<sup>4</sup>  
Murilo Peixoto Gonçalves<sup>5</sup>

274

**Resumo:** o presente artigo investiga as críticas realizadas pelo escritor russo Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski em sua obra *Memórias do Subsolo*, pela luz das teorias das relações internacionais, o realismo clássico e a virada estética. Buscando compreender as táticas literárias utilizadas pelo autor como forma de evidenciar suas vivências pessoais no século XIX durante a Revolução Russa e a queda do governo autocrático de Czar Alexandre II. A metodologia utilizada busca analisar de forma qualitativa um estudo de caso a partir de uma pesquisa bibliográfica, baseada em recortes do próprio livro e das teorias internacionalistas supracitadas anteriormente. Os resultados demonstram que é possível observar um impacto significativo da literatura dostoiévskiana na cultura cotidiana e nas teorias internacionalistas, no que alude a uma reflexão mais profunda do impacto dos movimentos políticos de grandes potências do sistema internacional em movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Dostoiévski. Realismo Russo. Realismo clássico. Virada estética.

<sup>1</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, livia.sadoyama@ufu.br

<sup>2</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, mariana.fagundes@ufu.br

<sup>3</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, davidgdias03@ufu.br

<sup>4</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, luisemanuel.teixeira@ufu.br

<sup>5</sup> Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, Minas Gerais, murilo.peixoto@ufu.br

Recebido em 05/01/2025

Aprovado em: 12/02/2025

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



**Abstract:** this article investigates the criticisms made by the Russian writer Fyodor Mikhailovich Dostoevsky in his work *Notes from Underground*, in the light of theories of international relations, classical realism and the aesthetic turn. It seeks to understand the literary tactics used by the author as a way of highlighting his personal experiences in the 19th century during the Russian Revolution and the fall of the autocratic government of Tsar Alexander II. The methodology used seeks to qualitatively analyze a case study from a bibliographical research, based on excerpts from the book itself and the internationalist theories mentioned above. The results demonstrate that it is possible to observe a significant impact of Dostoevsky's literature on everyday culture and internationalist theories, which alludes to a deeper reflection on the impact of the political movements of great powers in the international system on social movements.

**Keywords:** Dostoevsky. Russian Realism. Classical Realism. Aesthetic Turn.

## 1 Introdução

Considerada uma literatura tradicional e complexa, a literatura russa manteve sua esfera de influência dentro da cultura global de forma cíclica e constante e, apesar de não demonstrar um exímio destaque no cotidiano das pessoas, abarca uma gama de movimentos políticos que emergem constantemente no cenário político e econômico mundial demonstrando a quebra da barreira cultural e emergindo a necessidade de se utilizar movimentos artísticos capazes de popularizar e democratizar o acesso ao conhecimento socioeconômico e político. Desta forma, as obras de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski – escritor, filósofo e jornalista do Império Russo –, carregam emblematicamente o poder de ganhar destaque em momentos de instabilidade, atraindo um recorte de pessoas que buscam um fundamento cultural para questionar a realidade na qual estão inseridos. Para pesquisadores como Secches, Bernardes e Rochas (2021, p.4-22), as movimentações russas (em todos os tipos de ambiente) afloram a necessidade de entendimento das movimentações políticas mundiais, através da tensão ao imitar ou se contrapor ao “Outro” – ou seja, o “lado” dentro da esfera de influência central no cenário nacional, sendo países vistos como potenciais mundiais, que determinam o fluxo da vida e do cotidiano de todas as pessoas.

Assim, para aqueles que a literatura russa sob a luz dostoiévskiana apresenta um impacto significativo na construção de ideais em suas faculdades mentais, visto por Pomar (2015, p. 3) como “para além do *‘efeito efeméride’*”, alude a demanda de encontrar um viés representativo para debater sobre movimentos políticos presentes atualmente, como o capitalismo e o socialismo – entre outros – que se encontram presentes agora e em outro momento histórico que foi a Revolução Russa.

Mas para além do "efeito efeméride", a retomada do interesse no debate sobre o socialismo em geral e sobre a Revolução Russa em particular tem outras causas. A principal delas é que vivemos em um cenário internacional que possui algumas semelhanças com o que ocorreu no início do século 20: o declínio da potência hegemônica, a ascensão de novos polos de poder, o acirramento das contradições intercapitalistas, a importância do capital financeiro e do imperialismo, a desigualdade social (POMAR, 2021, p.3).

Diante de suas obras clássicas, Dostoiévski explora a partir de sua escrita e da escola literária realista russa, a “tentativa de afirmar o valor do homem comum [...]” (Bianchi, 2010) procurando “[...] mostrá-lo de forma objetiva, ‘tal como ele é’, o que incluía toda a limitação de suas capacidades inventivas.” (Bianchi, 2010). Encontrando um campo de discussão onde as doutrinas czaristas do século XIX perpassam barreiras de tempo e atuam paralelamente em países descentralizados – como o Brasil e outros Estados latinos ou sul-americanos –, quebrando com a doutrina hegemônica de potências como os EUA e a União Européia.

O presente trabalho tem como objetivo primordial adentrar na visão franca e crítica de Dostoiévski a partir de sua obra literária *Memórias do Subsolo* (2004; tradução nossa) e como neste exemplar o uso realismo literário russo em seu personagem central evidencia a problemática da natureza humana como reflexo das dificuldades socioeconômicas geradas pelo governo de Czar Alexandre II nos anos 1900. Além disso, busca-se utilizar de duas correntes teóricas da Relações Internacionais, sendo, respectivamente, o Realismo Clássico e a Virada Estética; como forma de contraposição e uma tentativa de leitura moderna das vivências do autor russo.

Contemporaneamente, pensado a partir dos processos de globalização, o internacional na academia russa pode ser entendido a partir de um olhar externo, com reflexões sobre qual seria o papel da Rússia no pós-Guerra Fria na tensão entre jogar segundo as regras ocidentais ou desafiá-las. Por outro lado, as escolas de pensamento também buscam compreender como internamente se entende os fluxos internacionais – por meio de aceitação completa, seletiva ou de rejeição radical dos mesmos (Tsygankov 2012). Os teóricos e as instituições que trabalham no marco realista ou dentro dos debates sobre economia política internacional incorporam parcialmente as reflexões ocidentais sobre a posição da Rússia no sistema internacional (Secches; Bernardes; Rocha, 2021, p.9-22; p.10-22).

## 2 Memórias do subsolo de Dostoiévski no século XIX e Revolução Russa

O contexto social russo oitocentista transvestia para o Estado euro-asiático marcado pelo destacável regime sócio político czarista. Essa forma de governo autocrática, baseada na representação sacrossanta e suprema do czar – herdeiro de uma longa herança de governantes genealógicos também autocráticos –, impôs à sociedade russa um rígido sistema baseado na

dominação social e centralizado nas benesses dos czares, ou seja, de sua casta familiar e da nobreza aristocrata detentora de terras e de propriedades (Calabresi, 2021). Tal rigidez sistêmica, construída em uma sociedade majoritariamente ruralizada e ainda imersa em características feudais, dominada por uma minoria nobre detentora de grande parte das terras produtivas do território, embricou na população marginalizada a expansão contínua de desigualdades sociais e piora na qualidade de vida, à medida em que somente era explorada e marginalizada por um método de trabalho, por vezes servil<sup>6</sup>, que somente beneficiava a elite agrária e produtiva, sem, contudo, engendrar reais benefícios sociais à população subjugada por esse sistema (Calabresi, 2021). Imersa em tão profunda desigualdade sistêmica, a população, ao se conscientizar e buscar a promoção de formas protestantes contrárias a sistemática instituída, ainda era duramente reprimida pelo regime – o qual dispunha ativamente de sua polícia e de seu exército para suprimir qualquer tipo de reação popular que contestasse e trouxesse riscos à posição do governo autocrático e de seus representantes. Simultaneamente a tais pautas sociais, ocorre o ataque direto e armado contra a alta hierarquia da aristocracia que continha a liberdade de imprensa e lutava, pelas armas físicas ou de influência indireta pela precarização e limitação da liberdade de pensamento (Tragtenberg, 2009). Essa realidade demonstra uma grave problemática presente tão basilarmente na sociedade russa do século XIX: uma mesma população que, afundada nas desigualdades sociais e massacrada por um regime atravancado por filosofias que pouco beneficiavam a base da pirâmide social, também era aquela que, em frente ao mínimo sinal de reação contra esse estilhaçamento social, seria contida violentamente. Portanto, a Rússia se construía em bases desiguais – o que foi representado por diversos movimentos artísticos, como a teoria filosófica e o pensamento social da época – e buscava por compreender as características do período, para assim, criticá-las.

A reação severa do governo central frente às reações populares, associada ao profundo contexto de pobreza massacrante e exclusão social gerou na população um gene descontentamento e desesperança. Apesar da entrada de ideais estrangeiros no ideário político russo (em especial as teorias racionalista e romântica), as diferenciações basilares dessas ideologias em relação às características da sociedade russa, somado ao claro cenário de conforto e estabilidade da aristocracia (as mudanças sociais necessárias não eram genuinamente

---

<sup>6</sup> A servidão somente foi abolida na Rússia em 1861. Porém, sem a criação de um sistema de apoio à população recém liberta, cenários análogos ao passado eram constantes, e, portanto, a permanência da grave desigualdade social e da pobreza permaneceram, sob um novo pano de fundo legal (Calabresi, 2021).

percebidas como tal e, por isso, eram oprimidas) sustentaram a manutenção de um regime que, durante sua existência histórica, pouco se alinhou às reais necessidades da população e ao desenvolvimento dos fatores econômicos e políticos (Fernandes, 2021). Interpretar esses cenários torna-se de extrema relevância para compreender um autor que, durante seu percurso literário, e em especial após a sua fase de maturação pós-cárcere político, muito analisou o contexto social e humano de uma população russa massacrada por seu próprio regime, por seu próprio governo. Assim, a obra russa literária *Memórias do Subsolo* é uma distinta análise da realidade social de um povo que, ausente de esperanças de futuro e imerso numa pobreza avançada por um cenário que é visto como inalterável, perde o seu norte, e sobrevive conforme as luzes do tempo (cada vez mais cinzentas).

Não obstante, *Memórias do Subsolo* é uma obra de 1864, com os meados do século XIX representando uma era de maturação dostoiévskiana, aqui delimitada para análise proposta, foi uma importante abordagem da noção realista de análise que herda a psicológica e os âmbitos sociais dos indivíduos e da sociedade por parte do autor, o qual marcadamente desenvolveu essa perspectiva de análise após seu encarceramento político na Sibéria – fruto de acusações de conspiração contra o czar Nicolau I, em 1849. Portanto, estudiosos da obra do autor reconhecem a necessidade do processo de maturação e desenvolvimento após sua prisão – a qual permitiu uma nova perspectiva crítica do mundo que o cercava (Fernandes, 2021). No exemplar, constrói-se uma realidade de profundo descontentamento e desesperança frente ao cenário vivido pelo povo russo. O espírito do tempo desse período muito se aproximava de uma noção de que pouco, ou mesmo nada, poderia ser alterado em um regime autocrático tão poderoso, consolidado e, nos momentos de uma dita importância de contenção, violento. Assim, o livro em questão dialoga com essas percepções psicológicas e sociais do povo russo ao ofertar aos leitores uma escrita em primeira pessoa, conduzida por um protagonista inominado (simplesmente “homem do subsolo”), distante de um conceito de heroísmo ao expressar transparentemente um perfil estilhaçado pela sua própria realidade e por sua consciência, submergida em profunda perturbação, absorto em uma consciência de si mesmo, que o fragiliza frente à sua própria vivência de mundo.

Claro, o prazer do desespero, mas é no desespero que ocorrem os prazeres mais ardentes, especialmente quando se está plenamente consciente da desesperança de sua própria posição. E aqui, com essa bofetada – você simplesmente será esmagado pela consciência de em que tipo de lama foi reduzido. Mas, principalmente, por mais que eu tente me esquivar, sempre acaba sendo que eu sou o primeiro a ser culpado de tudo, e, o que é mais ofensivo, culpado sem culpa, por assim dizer, de acordo com as leis da natureza (DOSTOYEVSKY, 2004, p. 24, tradução nossa).

Partindo do princípio de que as obras de Dostoiévski representam, à sua maneira, as perspectivas do autor acerca da realidade social vigente na Rússia do século XIX (Fernandes, 2021), é plausível trazer o construto social temporal para abordar a obra aqui delimitada para análise. Ciente da latência de descontentamento presente entre as classes russas, percebe-se no “homem do subsolo” uma personificação literária das incertezas, dualidades e complexidades erigidas por um contexto sociopolítico de estilhaçamento das esperanças sociais. O personagem, produto dessas problemáticas, inunda-se em seu próprio ceticismo para com seu próprio futuro, em um Estado político alienador (o qual ele próprio fez parte, como um servidor de baixa patente) o qual, ao se comprometer com a busca do progresso social, se depara com a historiografia das memórias dos cidadãos que – ao analisar esse corpo político centralizador –, percebe, mesmo que inconscientemente, a provável impossibilidade da concretização de tais as mudanças.

Mas é precisamente nesse frio, repugnante meio-desespero, meio-crença, nesse autoenterro consciente por quarenta anos de luto no subsolo, nessa desesperança diligentemente produzida e ainda assim um tanto duvidosa sobre a própria posição, em todo esse veneno de desejos insatisfeitos penetrando para dentro, em toda essa febre de hesitações, de decisões tomadas para sempre e arrependimentos que surgem logo em seguida, que reside a essência daquele estranho prazer de que eu estava falando (DOSTOYEVSKY, 2004, p. 26, tradução nossa).

Dessa maneira, Dostoiévski, ao construir seu realismo psicológico literário, associado diretamente ao Realismo Social, demonstra, linha a linha, uma sociedade perdida em si mesmo, desconstruída pela sua própria desesperança, e estilhaçada por um regime tão consolidado e potente que parece ser impossível de ser destituído. Assim, mesmo sem essa intenção, o autor constrói uma análise caracterizadora do prenúncio das revoluções sociais sofridas pela Rússia no curto espaço de tempo posterior à publicação da obra.

### 3 O realismo literário de Dostoiévski como um movimento crítico e representativo do minoritário

O realismo literário se pauta, especialmente, na ótica dos autores sobre o ambiente que os cerca, através de críticas e sátiras, os escritores ironizam a sociedade em que vivem: as transformações econômicas em um século de ascensão da industrialização, a recente burguesia, a desigualdade social crescente e a ausência de algumas percepções romantizadas da sociedade – advindas do movimento literário anterior ao realista, o romantismo (De Barros, 2015). Este, por ser o antecessor, fez com que o realismo bebesse de suas águas, isto é, mesmo com

divergências, os dois movimentos artísticos acabam convergindo para noções e ideias similares. Abordando o desenvolvimento do ser humano paralelamente à sociedade, por meio do entrelaçamento do psicológico humano à escrita (como o “subsolo” em *Memórias* que pode vir a ser o psíquico da personagem), neste cenário de intensas mudanças sociais, ou seja, ocorre uma simultaneidade dos episódios nas narrativas realistas:

Na visão de Bakhtin, o romance realista deve apresentar, na constituição da imagem do homem romanesco, um alto grau de apreensão do tempo histórico real. Sob esse ponto de vista, o Realismo não se limita a representar, mimeticamente, a realidade histórica e suas influências no homem, mas, sim, retratar o homem em formação simultânea à transformação do mundo, absorvendo os fatos exteriores como substrato de sua própria imagem, ao mesmo tempo em que imprime sua marca nesse mundo também em formação (BAKHTIN, 2005 *apud* DE BARROS, 2015).

Alguns escritores apresentam, em seus livros, distintas concepções sobre o conceito literário do realismo, Machado de Assis, por exemplo, não interpretava a sua obra como plenamente realista, mas como alcançando um “novo patamar” na narrativa desta escola literária, pela junção de ideias pré-realistas românticas ou, até mesmo, pós-realistas. Em contrapartida, Fiódor Dostoiévski (assim como o escritor brasileiro), acreditava que seus livros eram “realistas no sentido superior”, como já mencionado, gênero próprio de alguns poucos autores cuja escrita abarcava noções “extra realistas”; tal fator, por fim, emerge uma correlação entre as duas literaturas regionais: a brasileira e a russa.

Dostoiévski lançou seu nome no meio romantista pela estreia do exemplar *Gente Pobre* – o qual foi muito recebido pela crítica da época, diferentemente das posteriores. Tais julgamentos impiedosos direcionados ao autor russo, se deve à falta de tato que parte dos críticos literários tinham com as recentes obras dostoiévskianas, as quais inauguraram o realismo russo – juntamente com os escritos de Nikolai Gógol e de Alexandre Puchkin –, trazendo à tona discussões sobre diferentes pautas realistas ocidentais e orientais: a burguesia aristocrata, a miséria e desigualdade social, a situação do pobre em meio a essas questões, etc. Malgrado, Dostoiévski utiliza uma linguagem diretamente associada às suas personagens, levando a coloquialidade do realismo ao seu texto, representando, assim, as camadas mais miseráveis da sociedade nas quais aquelas estavam inseridas. Por vezes, o autor transparece as suas opiniões sobre o contexto social através de discussões entre os sujeitos da obra, o que, por fim, acaba, segundo a professora Fatima Bianchi (2020), sendo a forma como o próprio autor se comunica e expressa em diversos meios:

Quando Dostoiévski inicia a sua carreira como escritor, o processo de formação da língua literária, tal como a conhecemos, já estava praticamente concluído. Mas ele

também se apresenta como um forte representante dessa tendência inovadora, ainda que seus objetivos fossem outros. Ele começa a escrever empregando em suas obras, já desde o início, a linguagem viva, coloquial, até mesmo das camadas mais miseráveis da sociedade urbana. Esse recurso, introduzido principalmente por Púchkin e Gógol, já era corrente na literatura da época, mas restringia-se aos diálogos, ao discurso direto das personagens. O estilo e a linguagem que sobressaíam não há dúvida de que eram os do próprio autor (BIANCHI, 2020).

Tal fator revolucionou a produção artística, que, antes de Dostoiévski, era pautada na formalidade e “elitização” da escrita, passou a ter o cotidiano e miséria das personagens refletidos nos textos:

Como se vê, Dostoiévski promoveu uma inovação na literatura que é tão genial quanto a dos grandes realistas franceses, pois com ele, pela primeira vez, a representação da realidade cotidiana mais chã e comezinha pôde receber um tratamento sério, elevado e até trágico sem abrir mão do nível de estilo que lhe era peculiar, ou seja, empregando um nível de estilo que estava reservado à comédia, à literatura de entretenimento (BIANCHI, 2020).

O realismo, principalmente da Rússia, apresenta, ainda, a questão de os protagonistas serem “pequenos homens”, revelando uma liberdade de “sub-humanidade” do “eu”, ou seja, das personagens dostoiévskianas (Bezerra, 2014). Em *Memórias do Subsolo*, a personagem principal é o “pequeno homem” revoltado e pensador, a junção das duas faces de outros protagonistas de Fiódor. Dessa forma, Dostoiévski mudou diversas concepções sobre a literatura russa do período, fundando o realismo e criando facetas complexas deste, assim como bases para todo o pensamento literário russo/soviético subsequente (o formalismo, as correntes soviéticas, etc.).

#### 4 O realismo clássico das relações internacionais e a vivência russa

O realismo clássico é uma das principais correntes teóricas das Relações Internacionais, oferece uma compreensão centrada no poder e na sobrevivência dos Estados em um sistema internacional anárquico e competitivo. Esse paradigma ganhou forma com a obra de Edward Carr – um autor clássico e de grande importância dentro das Relações Internacionais –, que criticou o comportamento idealista nos estudos e aplicações das relações internacionais em *Vinte Anos de Crise* (1939), e foi consolidado por Hans Morgenthau em *Politics Among Nations* (1948). Para os realistas clássicos – da perspectiva internacionalista –, a política internacional reflete uma realidade objetiva que é moldada pela natureza humana e pela busca incessante de poder, elementos que tornam o conflito inevitável no sistema internacional (Santos, 2012).

Um dos principais postulados do realismo clássico é o seu entendimento pessimista da natureza humana, influenciado por grandes filósofos como Maquiavel e Hobbes. Por essa visão, os seres humanos – e conseqüentemente os Estados, que são compostos por pessoas físicas –, são motivados por interesses próprios e egoístas, e estão predispostos a competir uns com os outros para alcançar a realização de seus ganhos pessoais. Essa condição humana pessimista é projetada para o nível das relações internacionais, onde a desconfiança entre os Estados se torna um comportamento constante, e cíclico, gerando um ambiente de confronto e competitividade (Santos, 2012).

Nesta corrente internacional, o Estado é o ator principal e central nas relações internacionais e considerado como agente unitário e racional – em contraposição a outras teorias que valorizam a influência de organizações internacionais ou atores não estatais. Ou seja, atua visando maximizar seus interesses, com destaque para a sua segurança e sobrevivência. Ainda, é entendido como uma "caixa-preta", suas ações são analisadas sem consideração para com as dinâmicas internas nacionais ou influências externas (internacionais); o que importa é o comportamento que ele adota no cenário internacional (Santos, 2012).

Ademais, outra característica fundamental do realismo clássico é a anarquia, não há no ambiente internacional, uma autoridade suprema acima dos Estados, sendo então sistema internacional anárquico. Sem um governo mundial e com força o suficiente para subjugar e regular as relações entre Estados, o ambiente internacional é comparado ao "estado de natureza" hobbesiano, onde a insegurança é a norma. Esse cenário dá origem ao dilema de segurança, em que os esforços de um Estado para aumentar sua segurança frequentemente provocam insegurança em outros, gerando uma escalada armamentista e maior instabilidade (Morgenthau, 2003)

Dessa forma, Hans Morgenthau (2003) estabelece o realismo clássico como uma abordagem teórica profundamente ancorada na análise do poder e do interesse nacional. Sua visão crítica e pragmática rejeita idealismos e enfatiza a centralidade do conflito e da competição no sistema internacional. Ao oferecer uma estrutura teórica que prioriza a análise objetiva da política, Morgenthau não apenas influenciou gerações de estudiosos internacionalistas, mas também moldou a forma como as relações internacionais são estudadas e compreendidas até hoje.

Portanto, no realismo literário de Dostoiévski em *Memórias do subsolo*, entende-se que este, parte da mesma premissa realista clássica internacionalista, enxergando o humano enquanto um ser egoísta que busca poder, tendo um conflito interno ou externo totalmente inevitável. A visão realista de Morgenthau (2003) é aplicada à política internacional, enquanto a de Dostoiévski explora a alma humana, portanto, ambas as visões veem o conflito como inerente à existência humana.

Contudo, destaca-se que em seu livro, Dostoiévski constrói a figura de poder quando o protagonista tenta manipular e dominar outros personagens para compensar sua própria insegurança. Paralelamente ao realismo clássico, entendemos que o poder é a força motriz das ações estatais, assim, enxergando o poder como elemento central das relações, sejam elas individuais ou estatais. Além disso, para Morgenthau (2003), as ações políticas são orientadas pelo interesse nacional e pelo poder, e não pela moralidade. Ele sustenta que os princípios éticos podem ser usados para justificar ações, mas não para guiá-las efetivamente em um sistema anárquico onde a sobrevivência é prioritária. De forma similar, o autor russo da obra supracitada, apresenta um personagem central que rejeita normas morais convencionais, vendo-as como restrições que mascaram a hipocrisia social de outras figuras emblemáticas da narrativa. O "homem do subsolo" despreza a moralidade tradicional, agindo com base em impulsos que evidenciam o conflito interno e sua natureza egoísta.

## 5 A virada estética no meio internacional e o sentimentalismo dentro do literário russo

Conforme Bleiker (2017), “o estudo da estética é o estudo do gosto e da beleza e como eles despertam em nós certas sensibilidades afetivas”. Em incongruência, temos que o estudo (mundo) da política internacional é permeado por poder, força, conflitos e lutas, um Estado “real” e que se vê distante do mundo “aparentemente trivial da estética”. Na época da virada do milênio, a disciplina de estudo das Relações Internacionais ainda enfrentava uma crise por ser bastante restrita, onde a maioria de seus estudos e investigações giravam em torno de temáticas tradicionais centradas apenas no conceito puro de Estado – e tudo aquilo associado a este no momento, a política, a economia, os conflitos, regionais históricos e internacionais, etc. Portanto, as demais abordagens, que não aquelas que eram centrais – realismo e liberalismo, que buscavam/dependiam de se embebedar fontes estéticas –, eram ignoradas e rechaçadas, não sendo plenas nos estudos *mainstream* das Relações Internacionais.

A virada estética surge então como um movimento desafiante dos cernes epistemológicos e metodológicos das Relações Internacionais impostas pelas teorias *mainstream*<sup>7</sup>, onde, sucintamente, utilizavam de métodos tradicionais que produzem certos entendimentos da política internacional por meio de uma análise da realidade como ela é, excluindo insights demasiados importantes como a sensibilidade e a imaginação. Agora, a sensibilidade estética passa a ser notada como uma maneira de se repensar as políticas globais que emergem das demais formas de conhecimento que estão para além da razão instrumental (Bleiker, 2001 *apud* Araújo, 2023).

Segundo Jacques Rancière (2004), a política atua como um domínio das relações de poder, que “giram em torno do que é visto e do que pode ser dito sobre isso, em torno de quem tem a capacidade de ver e talento para falar” (p. 13; tradução nossa). Desse modo, são as práticas representativas que fazem parte da constituição das práticas políticas e as moldam, tendo que, a política se encontra posicionada na lacuna existente entre a representação e o representado. Portanto, as abordagens estéticas reconhecem a existência dessa lacuna e tentam, de certo modo, fornecer um método de aplicar outras faculdades humanas que vão para além da razão, além de uma interação entre estas – para a melhor percepção do eventos –, questionando o senso comum que transpassa os principais conceitos teóricos das Relações Internacionais (Bleiker, 2001). À vista disso, as práticas de representação são o meio pelas quais o mundo é construído, tendo em vista que, a sensibilidade também é uma aptidão humana capaz de produzir conhecimento, ao passo em que “as representações também ajudam a moldar e remoldar emoções individuais” (Bleiker, 2001; Hutchison, 2016 *apud* Araújo, 2023).

Por meio do despertar da sensibilidade, a estética nos ajuda a identificar e compreender quais são as noções e práticas que estão internalizadas em nossa consciência coletiva e que engendram nossa percepção de determinado fenômeno político (Jesus e Tellez, 2014 *apud* Araújo, 2023), deste modo, são inúmeras as formas em como a estética pode provocar mudanças na sensibilidade de um indivíduo, sendo por meio da arte visual, literatura ou outras abstrações. A importância reside no fato de que devem ser geradas interações horizontais entre a sensibilidade em si, a razão, a memória e a imaginação, que intermedeiam a reflexão sobre fenômenos, sejam passadas, presentes ou futuros (Araújo, 2023).

<sup>7</sup> Ou seja, as teorias de base e gerais das relações internacionais.

Dostoiévski, na obra trabalhada, nos revela insights valiosos sobre a estrutura de poder, assim como a subjetividade política que ajudam a entender melhor como se davam as dinâmicas do período czarista na Rússia. Como já pontuado, a virada estética nas Relações Internacionais surge para questionar as abordagens tradicionais, trazendo para a disciplina o enfoque nas sensibilidades e emoções que as representações artísticas trazem à tona, como Bleiker (2001) e Rancière (2000) discutem, oferecendo, então, a necessidade de se ter uma perspectiva sensível para compreender os sistemas de dominação e opressão característicos do contexto, muito presentes no regime russo. Dessa forma, ao escrever sua obra supracitada neste trabalho, o artista russo utiliza da sensibilidade estética para engancha uma crítica à autocracia russa e ao sofrimento humano gerado pela expressiva desigualdade e repressão do czarismo russo. Seu trabalho nos fornece um estudo detalhadamente psicológico e social que perpassa para além da descrição dos fatos, ele mergulha nas sensibilidades dos personagens e em suas experiências de alienação e desesperança. Segundo a abordagem estética das RI, esse tipo de representação nos permite enxergar a política como algo capaz de afetar imensamente o imaginário e as emoções da sociedade.

Rancière (2000) argumenta que a política está presente nas representações, então tudo o que é dito e visto influenciam sim o que é compreendido como algo político. Sob essa ótica, *Memórias do Subsolo* se posiciona exatamente nesta “lacuna” entre a representação e o representado. A figura exposta do homem do subsolo possibilita a visibilidade da alienação e sofrimento, evidenciando as falhas do czarismo em atender às necessidades do povo. Desse modo, a literatura acaba por se transformar em uma forma de resistência simbólica, onde a estética não é mais algo banal, mas sim um caminho para expor e questionar a ordem vigente. Assim, ao interpretar o contexto russo oitocentista à luz da virada estética, onde a exclusão, a repressão do povo não são apenas dados objetivos, mas também vivências profundamente afetivas, que emergem e ganham voz a partir das palavras do autor russo. As obras de Dostoiévski apoderam-se da angústia existencial da época, mostrando que o “mundo real” da política está transposto por sentimentos arrebatadores, como opressão e desilusão. A sensibilidade estética permite então que tais emoções individuais e coletivas modelem o entendimento sobre o regime político, integrando uma nova forma de conhecimento que desafia as perspectivas tradicionais da época – e até mesmo atualmente –, contribuindo para entender o contexto histórico e as pressões sociais que ocorreram naquele momento, levaram a mudanças significativas no sistema político.

## 6 Considerações Finais

A análise realizada da obra russa *Memórias do Subsolo* de Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski neste trabalho, buscou se aprofundar em uma investigação do impacto do realismo literário russo a partir das correntes teóricas das relações internacionais, o realismo clássico e a virada estética. Portanto, através dos conceitos de Secches, Bernardes e Rocha (2021) e Pomar (2021), concluímos que, a literatura dostoiévskiana apresenta repercussão ideológica e política em movimentos sociais que buscam criticar o sistema internacional do momento em que estão inseridos. Ademais, apesar das teorias internacionalistas apresentarem perspectivas epistemológicas distintas, foi possível criar uma correlação com a visão do autor russo, que contrapõe uma proximidade com um realismo ordenado e um afastamento da sensibilidade, evidenciando a natureza humana – que é brusca, profunda e complexa.

286

Suas narrativas destacam personagens que quebram com paradigmas positivistas e elevam questões de poder e conflitos políticos, caracterizados por sobreviver em uma realidade esdrúxula onde é preciso subjugar a moralidade por seus próprios interesses, assim como a teoria do realismo clássico desenvolve, os princípios éticos justificam ações que buscam expandir a sobrevivência do Estados dentro do sistema internacional – assemelhando-se ao *homem do subsolo*. Ademais, ao explorar também a angústia existencial e o conflito interno destes mesmos personagens, elucida uma visão política que humaniza a realidade desigual da narração, sendo está a consequência de um sistema autocrático. A virada estética permite a reflexão de que as emoções humanas desempenham um papel crucial no entendimento de um cenário político, enriquecendo os discursos ideológicos e despertando o interesse pela ação, pela luta contra a subjugação global de grandes potências mundiais, assim como ocorreu nos movimentos operários russos vivenciados pelo próprio Dostoiévski.

## Referências

ARAÚJO, Mariana Alves Tavares de. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Visibilidade e percepção nas Relações Internacionais: um estudo de caso da fotografia de Alan Kurdi. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, aprovada em 07 jun. 2023.

BATISTA, É. Resenha: Memórias do Subsolo, Fiódor Dostoiévski. **Medium**. 2019. Disponível em: <https://erika-batista.medium.com/resenha-mem%C3%B3rias-do-subsolo-fi%C3%B3dor-dostoi%C3%A9vski-2dedcea4c82c> . Acesso em: 10 nov. 2024.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BEZERRA, P. O “pequeno homem” na literatura russa. **Russia Beyond**. 2022. Disponível em: [https://br.rbth.com/articles/2011/03/25/o\\_pequeno\\_homem\\_na\\_literatura\\_russa\\_12184](https://br.rbth.com/articles/2011/03/25/o_pequeno_homem_na_literatura_russa_12184). Acesso em: 10 nov. 2024.

BIANCHI, Fátima. **A concepção de arte em Dostoiévski**. Uol, Revista Cult, Editora Bregantini, São Paulo. 31 mar. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-concepcao-de-arte-em-dostoievski/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BIANCHI, F. O aparente descaso de Dostoiévski com a linguagem. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, n. 4, p. 214–227, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/rG5THwBFt89FLw7WCRrz5BM/#>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BLEIKER, Roland. In Search of Thinking Space: Reflections on the Aesthetic Turn in International Political Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 45, n. 2, p.258-264. jan. 2017. SAGE Publications. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0305829816684262>. Acesso em: 13 nov. 24.

BLEIKER, Roland. The Aesthetic Turn in International Political Theory. **Millennium: Journal of International Studies**, [s.l.], v. 30, n. 3, p.509-533, dez. 2001. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/03058298010300031001>. Acesso em: 13 nov. 2024

CALABRESI, L. H. DE F. Considerações acerca da estrutura social da Rússia tsarista. **Fronteiras**, v. 23, n. 41, p. 101–123, 27 jul. 2021.

DE BARROS, A. O ESPELHO ÀS AVESSAS: realismo em Dostoiévski e Machado de Assis. **PUC/SP**. São Paulo. 2015. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1455908739.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455908739.pdf). Acesso em: 10 nov. 2024.

DOSTOYEVSKY, Fyodor. **Notes from underground**. [s.l.] A.A. Knopf, 2004.

FERNANDES, A. Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”, de Dostoiévski. **RUS (São Paulo)**, v. 12, n. 18, 29 abr. 2021.

DEL ROIO, Marcos. **Lenin e as Relações Internacionais (1905-1914)**. Novos Rumos, Marília, v. 57, ed. 2, p. 21-32, 2020. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/11383/6952>. Acesso em: 8 nov. 2024.

POMAR, Valter Ventura da Rocha. **A Revolução Russa de outubro de 1917 e as Relações Internacionais**. Perspectivas sobre o poder em um mundo em redefinição 6º Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Universidade Federal do ABC (UFABC), Belo Horizonte, p. 1-15, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. **The Politics of Aesthetics: The Distribution of the Sensible**. London: Continuum, 2004.

SANTOS, Andressa de Melo. "O Realismo na Teoria das Relações Internacionais." **Caderno de Relações Internacionais da Faculdade Damas**, v. 3, n. 5, 2012.

SECCHES, Daniela Vieira; BERNARDES, Marina Nunes; ROCHA, Pedro Diniz. **A Construção do Pensamento sobre o Internacional na Rússia: identidades, projetos político-pragmáticos e o Ocidente.** Belo Horizonte, v. 16, ed. 1, p. 1-22;22-22, 2021. Disponível em: <https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/1000/825>. Acesso em: 5 nov. 2024.

TRAGTENBERG, M. **A Revolução Russa.** 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 152.